

TASH

*Esquadra de polícia de North Cornwall
Abril de 2019*

Encontramo-nos numa sala sem janelas situada numa cidade de edifícios de chapisco, algures numa rua principal, pontilhada por alojamentos e casas de apostas. Levaram-me para longe da costa, para a esquadra mais próxima, creio eu. Aqui não se ouve o bater das ondas ou o canto dos pássaros. Não há rasgos de azul à espreita por detrás dos telhados. No carro, quando vínhamos a caminho, eu e o Tom inventámos um jogo para o Finn. Quem seria o primeiro a avistar o mar? Fui eu quem o viu primeiro, mas mantive o silêncio para deixar o Finn ganhar. Ao ver aquela faixa cor de safira ao longo da linha do horizonte, senti o coração revigorado, apesar de tudo. Era a promessa de umas férias. Dias passados na praia a construir fortes e castelos. Os pés do Finn a deixarem marcas perfeitas na areia molhada da baía. Ainda pensei que eles me algemassem, mas isso não aconteceu. Os agentes da polícia quase pareciam constrangidos no carro-patrolha. Teimavam em perguntar se tinha frio, se queria a janela aberta ou água. Eu abanava a cabeça, tentando concentrar-me na paisagem. Só queria encontrar um ponto de referência, um lugar familiar. Mas nada. E quanto mais me afastava da costa, menos familiar tudo se tornava.

Abriram-me a porta quando chegámos, estenderam-me a mão, mas saí sozinha. Por cima de mim, o céu frio, salpicado por uma espuma de estrelas, era tão bonito que consegui recuperar o fôlego.

Nunca vemos estrelas em Londres. Tive a súbita sensação de que só agora é que via as coisas como elas eram. E de que também eu estava finalmente a ser vista.

Estamos dentro da sala. Apenas eu e o inspetor Pascoe, separados por uma mesa retangular, cinzenta e reluzente. A colega dele, a Williams, disse que ia tratar do chá. Anunciou-o como se o chá fosse a solução para os meus problemas. Ao baixar os olhos, vejo que há uma mancha escura de sangue no punho da minha camisola.

A minha voz é débil, como se viesse de muito longe.

— Vocês estão à procura, não estão? Não podem desistir. Na falésia. Ele caiu, mas talvez ainda esteja...

A minha mente forma as palavras que se seguem, mas a minha boca recusa-se a pronunciá-las.

Um zumbido. A porta da sala de interrogatórios abre-se. A Williams está de volta, trazendo uma caneca para mim e outra para o Pascoe.

— Cuidado — adverte, enquanto as pouso em cima da mesa. — Está muito quente.

Não há nada de sensual na Williams. É magra como um palito, muito apumada no seu fato cinzento. O rosto em forma de coração é tão pálido que quase chega a ser transparente. Tem o cabelo curto, como o de uma criança. Como o do Finn. Sinto um nó no estômago. O Finn.

O Pascoe agradece o chá com um aceno, aclara a garganta na direção do punho fechado e volta a pousar as mãos na mesa à sua frente.

— Estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para o localizar, Sra. Carpenter. Ou prefere que a trate por Natasha?

— Por favor, trate-me por Tash.

Sou igual a si, apetece-me dizer-lhe. Profissional. Sou esposa, sou mãe. Não devia estar deste lado da mesa.

— Pode dizer-nos o que aconteceu esta noite, Tash? Na falésia?

Tento concentrar-me nos detalhes da sala. Conto os painéis de poliestireno, um a um. Eles não sabem nada. Não estavam lá. Não podem saber.

— Fui dar uma volta.

Ambos sabemos que isto é uma primeira oferta, a qual o Pascoe provavelmente não vai aceitar.

— Já era tarde para passear, não? Sobretudo numa noite como esta.

Quando nos começámos a aproximar da água, isto mais cedo, a tempestade já tinha começado. O vento arrancava guardanapos das mesas dispostas à beira-mar, fazendo-os dançar pelas ruas calcetadas. O mar revolvía-se numa fervilhante espuma verde. O homem do quiosque dos passeios de barco abanara a cabeça, desalentado, e devolvera o dinheiro ao Tom. Eu tinha pegado no Finn ao colo e prometi-lhe que daríamos o passeio de barco amanhã. Suponho que não cumprirei a promessa.

Claro que não, repreendo-me. Claro que não vou cumprir a promessa. As férias acabaram. Acabou tudo.

— Presumo que não seja daqui.

Abano a cabeça.

— Não. Estamos aqui de férias.

— Onde estão hospedados? Arrendaram casa? Têm casa de férias?

Procuro uma ponta de hostilidade na voz do Pascoe. Costumava passar férias aqui com a minha família. Era uma adolescente mimada de classe média que não percebia como é que as pessoas conseguiam viver nas cidades cinzentas por onde passávamos a caminho daquela costa idílica, digna de figurar num postal. Porquê viver nesta zona da Cornualha e não junto ao mar? Como se fosse simplesmente uma questão de escolha, uma excentricidade por parte dos locais. Agora sei a verdade. Aquilo de que éramos responsáveis. Uma asfixia lenta. Seleccionávamos cirurgicamente as partes mais bonitas para as nossas páscoas e verões, e deixávamos o resto à mercê de um declínio lento. O egoísmo supremo.

Mas se a hostilidade está lá, não é perceptível. O rosto do Pascoe é impassível. É o rosto de um homem que vê o mundo como este é, sem sentir necessidade de lamentar a realidade. O rosto de um homem que possui uma mente lógica, preocupada com as questões práticas. Uma mente que consegue identificar padrões e perceber quando estes são interrompidos. Como quando uma mãe de classe média sai sorratamente da casa de férias a meio da noite e acaba à beira da falésia, coberta de sangue, com alguém a gritar pela polícia.

— Chama-se Crugmeer House — explico. — Pertence a um casal que conhecemos. Temos estado com eles e com alguns outros amigos.

Amigos. A palavra enrola-se-me na língua. Tenho a boca seca.

— Compreendo. Conhece esses amigos há muito tempo?

Há menos de um ano. Não parece muito, pois não? Mas as amizades são diferentes quando somos mães. Os nossos olhares cruzam-se no parque infantil, na caixa de areia, na sala de espera do pediatra, e o entendimento mútuo é imediato. A falta de sono, o cansaço, os momentos engraçados e os mais dolorosos, a constante agitação emocional.

Foi assim que aconteceu. As nossas vidas tinham-se tornado muito familiares. Eu sabia do que se riam, do que choravam, o que as mantinha acordadas à noite. Ou pensei que sabia.

— Como se conheceram?

Abro os olhos e obrigo-me a encarar o Pascoe.

— Conhecemo-nos... — A voz sai-me engasgada. Pigarreio e recomoço. — Conhecemo-nos na creche.

A pequenez, a inocência da expressão, quase me faz rir em voz alta.

London Evening Post, 21 de novembro de 2017

ALERTA PARA OS PERIGOS DE NADAR
EM ÁGUAS ABERTAS APÓS MORTE DE AMA

Natasha James

Foi emitido um alerta para os perigos de nadar em águas abertas na sequência da morte de uma jovem numa reserva natural.

Sophie Blake, de 21 anos, desapareceu na noite de 7 de julho de 2017. A vítima, que trabalhava como ama, tinha sido dada como desaparecida pelos patrões. O corpo foi encontrado dias depois no East Reservoir com um grande corte na cabeça. O médico-legista responsável pela autópsia afirmou que era possível que Sophie Blake tivesse sofrido a lesão ao mergulhar.

A lesão, em combinação com a temperatura da água, mais fria do que o habitual para esta época do ano, terá deixado a vítima inconsciente ou atordoada, e incapaz de nadar para a margem.

Sophie Blake gostava de nadar em águas abertas. Os níveis de álcool encontrados no seu sangue sugerem «um determinado grau de alcoolemia», segundo o inquérito.

A juíza de instrução responsável pela investigação, Victoria Carmichael, afirmou não ser possível determinar com certeza o que aconteceu, mas que é «provável» que a vítima tenha decidido ir nadar depois de consumir álcool e que tenha tido problemas dentro de água.

Segundo ela, esta morte deve servir como alerta para o crescente número de adeptos da chamada «natação selvagem», uma prática que não é permitida nas Woodberry Wetlands,

uma reserva natural que inclui 11 hectares de lagoas e reservatórios ladeados por juncos.

A reserva integra o empreendimento de regeneração Woodberry Down, um dos maiores projetos imobiliários da Europa, que incluirá 4600 novos fogos.

Dave Holt, o responsável pela gestão dos reservatórios, admitiu que a natação selvagem se tornou popular na reserva natural onde se encontra o antigo East Reservoir.

«Temos cartazes que alertam para a falta de segurança», disse, «mas as pessoas limitam-se a ignorá-los.»

A mãe de Sophie Blake afirmou que a filha era «insubstituível» e que a sua morte é algo de que a família «jamais recuperará».

O veredito da juíza de instrução não afirmou as causas da morte.

TASH

Londres, setembro de 2018

Os novos apartamentos ainda estão a ser construídos, em frente ao reservatório. As duas torres já concluídas pairam como peças *LEGO* gigantes: dois cintilantes retângulos turquesa com colunas pálidas, muito direitas, e varandas de vidro que refletem o sol. Em cima do passadiço de madeira, oiço os gritos distantes dos operários, o clangor do metal contra o metal. Guindastes vermelhos deslocam-se para a frente e para trás, transportando tubos de metal que refulgem à luz do dia. Um bando de gansos, perturbados pelo ruído, lança-se num voo rasante à superfície da água. Era difícil não sentir que havia já algo de inquietante naquele sítio, mesmo antes de a rapariga ser encontrada morta. Na sua maioria, os antigos blocos de habitação social, decrépitos, ainda aqui estão, por trás das torres ainda por estrear. Foram apagados de todo o material promocional, mas se dermos a volta em direção à Seven Sisters Road, vemo-los claramente. Grandes varandas de betão, manchas de humidade a propagarem-se pelas paredes como espectros recurvos. Acabarão por ser demolidos. Começaram a demolir um na semana passada. Ainda lá está, tombado pela metade contra o céu, como um farrapo de papel rasgado ao meio.

Passo pelas torres e entro na reserva natural junto ao East Reservoir. O outono preencheu os ramos das árvores, carregando-os de vagens de sementes e de maçãs, enquanto a ferrugem começa a tomar conta da vegetação. As aves limícolas juntam-se por baixo das ripas do passadiço,

em busca de segurança. Os seus pequenos ninhos foram há muito abandonados, e não há sinal das cascas dos ovos.

Fico parada durante muito tempo a contemplar o reservatório. O Sol desaparece atrás das nuvens. O silêncio chega a ser sinistro. Um inseto alfaiate perturba a superfície espelhada da água. O reflexo das torres desfaz-se em ondulações.

Suponho que seja culpa. A verdadeira razão pela qual insisto em voltar aqui. Fiz um péssimo trabalho no dia do inquérito, saindo a meio dos testemunhos sempre que o telemóvel tocava. A verdade é que, quando deixei o Finn na ama, já sabia que ele não estava bem, e quando cheguei ao tribunal já tinha três chamadas perdidas da ama. Durante o depoimento da primeira testemunha, ela voltou a ligar e tive de me escapular da sala sob o olhar reprovador dos presentes, enquanto a porta batia atrás de mim. A febre teimava em não baixar, disse-me ela. Teria de ir buscar o Finn. Ouvi-o a chorar ao fundo, enquanto ela tentava acalmá-lo. Vi o oficial de justiça a admoestar-me de dentro da sala por estar ao telemóvel. Um peso familiar instalou-se no meu peito. Bem vistas as coisas, percebo que aquele dia tenha provavelmente marcado o princípio do meu fim no *Evening Post*.

Nunca consegui deixar de pensar que me tinha escapado alguma coisa. Se ao menos conseguisse saber onde a encontraram, onde terá ela caído. Onde é que a Sophie teria batido com a cabeça?

Um movimento na margem oposta faz-me olhar para cima. Uma mulher do outro lado da água, do lado da reserva natural. Meia-idade, talvez mais velha. Está vestida de um modo estranho para um passeio pelo pantanal — um longo casaco acolchoado, apesar do bom tempo, uma saia plissada que lhe cai mal e mocassins de couro. Tem o cabelo desgrenhado, a boca cerrada numa linha fina. Há algo de inquietante no seu olhar. Sinto que me encara fixamente. Num gesto automático, levanto a mão numa saudação, mas a mulher não responde. Limita-se a olhar para mim, como se não me quisesse perder de vista.

O telemóvel toca no meu bolso e dou um pulo, sobressaltada. Deve ser o Tom, a querer saber se chego a casa a tempo do banho do Finn.

Silêncio a chamada e volto a guardar o telemóvel. Quando olho para cima, vejo a mulher a desaparecer nos arbustos. Não consigo perceber para onde foi. É como se se tivesse evaporado.

Saio do passadiço e começo a contornar o reservatório, sentindo os seixos do caminho rangerem debaixo dos meus pés. Pareço demorar uma eternidade a chegar ao outro lado. À medida que me aproximo, descortino um carreiro que não tinha visto por entre as árvores. Deve ter sido por ali que a mulher desapareceu. Uma ciclovia, talvez? Parece acompanhar um curso de água que sai do reservatório.

Sigo pelo carreiro, que rapidamente se torna lamacento. Há plantas e ervas daninhas em abundância, e uma copa de galhos emaranhados impede a passagem da luz. O riacho à minha direita é límpido e raso, deixando antever o leito de lodo castanho. Há girinos à volta de um manancial de artefactos depositados sob a superfície: uma bicicleta partida, um frasco de iogurte, um tubo, um rolo de fita da polícia. Do outro lado, uma cerca de arame tomba sob o peso dos fetos. Pelas fendas, vislumbro as instalações e os pré-fabricados do reservatório. Um zumbido de máquinas abafa o gotejar das águas.

A copa torna-se mais espessa e escura, com silvas e cicuta a cobrir o carreiro. Sou obrigada a afastá-las para poder avançar. Uma placa colada à cerca avisa: PERIGO: PASSAGEM PROIBIDA. Talvez tenha sido uma má ideia. Começo a pensar em voltar para trás quando ouço o som de água a correr mais à frente. Depois da curva, há uma ponte de metal com uma grelha por baixo. Uma comporta virada para fora do reservatório, num jorro de água lamacenta. Um salgueiro está debruçado sobre a comporta. A sua folhagem roça a eclusa e as suas folhas pálidas são sugadas para o remoinho de espuma mais além. O som da água é agora um rugido.

Nem sinal da mulher. Penso novamente em voltar para trás. E é então que o vejo, atado ao outro poste da ponte: um ramo de flores solitário. As pétalas são grandes e estão murchas, como fronhas de almofada enrugadas. As flores foram atadas com uma longa fita branca cujas extremidades desgastadas caem para a água. Mas, dentro de uma bolsa de celofane que a protege da chuva, é a fotografia o que me prende a atenção.

Quando viro a fotografia, apanho um susto: o artigo com a minha assinatura. Foi recortado do jornal. As letras estão borradas no lado por onde a água entrou.

Natação selvagem. Foi o que lhe chamou a juíza de instrução, e foi o que escrevi; mas tudo aquilo era muito vago. O texto tinha saído

a ferros. Tive de colocar ressalvas em todo o lado. Seguro a fita entre o polegar e o indicador. Então foi aqui que o corpo dela foi encontrado? Não no canal do reservatório, como eu imaginava, mas contra uma comporta, num remoinho de lixo, com o rugido da água nos ouvidos. Não fazia sentido. Se Sophie tinha estado a nadar, como é que o seu corpo chegou até aqui?

TASH

Quando bate à minha porta, alguns dias depois, não me lembro imediatamente dela. Vejo apenas uma mulher, mais ou menos da idade da minha mãe. Talvez um tudo-nada mais velha. Está a chuveirar. O casaco acolchoado que ela traz vestido não tem capuz. A chuva desenha-lhe uma auréola de cabelos grisalhos frisados à volta das têmporas.

— Olá.

Fico à espera de que a mulher se explique, mas ela limita-se a devolver-me o olhar, como se fosse eu quem lhe devesse uma explicação.

— Natasha James?

— Sim.

Na verdade, oficialmente é Natasha Carpenter, mas o nome novo nunca pegou. Quando o Finn nasceu, pareceu-me importante que nós os três partilhássemos o apelido, mas cedo percebi que não conseguia livrar-me do antigo, ou que talvez não o quisesse fazer. Daí que ainda seja sobretudo James. A Sra. Carpenter está fechada no guarda-roupa, como um vestido novo com que não me sinto confortável.

— Ótimo. Tinha esperanças de que pudéssemos conversar. Posso entrar?

Observo a mulher que está à minha frente. Parece ter passado por momentos difíceis. Chego a ponderar se será sem-abrigo; mas, depois de a observar melhor, decido que é apenas desmazelada. Excêntrica, talvez, mas não uma indigente.

— Desculpe — digo, tentando manter um tom de voz doce —, mas já nos conhecemos?

A mulher ignora a pergunta que lhe faço.

— Só lhe roubo um minuto. Vim de Walthamstow.

Cerra os dentes. Deteto uma sombra de ameaça. A minha mão aperta automaticamente a fechadura.

— A verdade é que não me apanhou na melhor altura — atiro de volta. — O meu marido está a tentar descansar. É médico. Tem trabalhado à noite, por isso estou sozinha com...

— Mamã!

De alguma forma, consigo perceber pela voz do Finn que ele está de pé na cadeirinha. Há qualquer coisa no seu tom afogueado, ou talvez consigo ouvir que está mais alto do que devia.

— Desculpe, mas tenho de ir ver do meu filho.

Esboço um sorriso de desconsolo e começo a fechar a porta.

— Espere. É sobre a Sophie Blake.

Travo o movimento da minha mão na fechadura.

— Perdão?

— Eu vi-a — diz-me, pela fresta. — No pantanal. Sei que escreveu o artigo. Sou a Jane. A mãe da Sophie. Quero falar consigo.

Chego à cozinha a tempo de tirar o Finn da cadeirinha, onde ele está posicionado como um mergulhador pronto para saltar. Jane Blake está ao lado do frigorífico, observando-me enquanto o levanto e lhe limpo a cara e o admoesto. Ele choraminga quando o levo para a sala e o ponho no sofá. Quando pego no controlo remoto, a choradeira cessa.

— Podes ver um *Bing*. — Abano-lhe o controlo remoto, como se fosse um dedo. — Mas só um, está bem?

O rosto do Finn abre-se num sorriso. Os cabelos claros, macios e finos como algodão-doce, caem-lhe sobre os olhos. Arrumo-lhe as mechas de seda atrás das orelhas. Na cozinha, Jane continua de pé ao lado do frigorífico.

— Sente-se.

Aponto para uma cadeira, mas ela ignora-me. Fixa-me com um olhar frio.

— Não se lembra de mim.

Lembro-me assim que ouço as suas palavras.

— No pantanal — murmuro —, aqui há dias.

— Exatamente. — Levanta o queixo. — Já a tinha visto por lá, à procura do local onde a minha filha morreu. Quero falar consigo. Sobre todos estes... disparates que escreveu.

Atira com uma cópia do meu artigo sobre a morte da Sophie para cima da mesa da cozinha. Por alguns instantes, nenhuma de nós se mexe.

— Compreendo — digo com cuidado.

Jane acaba por se sentar, cambaleante, numa das cadeiras da cozinha, ficando com os joelhos contra uma perna da mesa. A nossa cozinha é tão estreita que só conseguimos montar uma meia-lua da mesa de jantar que comprámos na IKEA quando nos mudámos. A outra metade está dobrada contra a parede. Vasculho o armário em busca do meu bloco e de uma caneta, e sento-me diante da Jane. Ela alisa o artigo amarrotado contra o tampo da mesa, achata-o com as mãos.

— Jane, o código deontológico obriga-me a relatar as conclusões da juíza de instrução. Nomeadamente, que a morte da Sophie terá sido um acidente. Que ela foi...

— Eu sei o que disse a juíza de instrução — interrompe-me ela —, mas não foi assim. A minha filha foi assassinada, Natasha. Alguém a matou.

Quando abro a boca para responder, o Finn reaparece.

— Mamã, o *Bing* está estragado.

Começa a agarrar-me nos joelhos. Tem um pequeno bigode de leite à volta da boca. Tiro uma toalhita do pacote que está em cima da mesa e limpo-o.

— Sinto muito — digo a Jane, enquanto o Finn se afasta em protesto.

Assim que a televisão é reanimada, volto para a cozinha. Jane mexe-se na cadeira. Os seus olhos pousam nas minhas *leggings*, onde uma mancha das papas do Finn repousa na minha coxa direita.

— Liguei para a sua redação. — Os olhos de Jane continuam fixos na mancha. — Disseram que já não trabalhava lá.

— É verdade. Saí pouco tempo depois... do inquérito.

Começo a limpar as papas das *leggings*. Não aprofundo a questão. Não me apetece recordar essa história triste.

— Então, está desempregada?

— Não, quer dizer... Estou a trabalhar, mas como freelancer.

— Ah.

Os cantos da boca de Jane reviram-se para baixo.

— Mas não me arrependo — acrescento, com excesso de pressa e vivacidade. — Significa que posso escrever para onde quiser.

Jane percebe que estou a dourar a pílula, mas guarda silêncio. Retira uma fotografia da mala e põe-na em cima da mesa. Uma espécie de oferta de paz, talvez.

Nunca tinha visto esta fotografia de Sophie. Parece ter menos de 21 anos. O rosto é élfico, pontilhado por um punhado de sardas de verão.

— Era uma jovem adorável — comento.

— É verdade.

Era adorável. E agora está morta. Há uma parte pouco digna de mim que quer virar as costas a Jane, pela terrível verdade de que ela é testemunha. Isto podia acontecer comigo. O meu filho pode morrer. Talvez isso explique o que senti quando a vi à porta de minha casa. A força com que apertei a fechadura. Conseguimos cheirar esse tipo de tragédia numa pessoa.

— Acredita que aconteceu mais qualquer coisa à Sophie?

— Aconteceu mesmo mais qualquer coisa. — Jane fala devagar, como se fosse uma criança. — Alguém a matou. Mataram-na e atiraram-na para a água.

Olho para Jane e pouse a caneta por instantes. O Finn chama por mim da sala. Decido ignorá-lo.

— Faz ideia de quem possa ter sido, Jane?

Ela sorri.

— Se fizesse, não estaria aqui, pois não? — Recosta-se na cadeira.

— Isso é da sua competência, ou não?

— Desculpe, não estou a perceber.

O olhar de Jane torna-se afilado.

— Não me disse que ainda é jornalista?

— E sou, mas...

— Pois bem — corta ela, batendo com um dedo na mesa —, tem de investigar. Tem de descobrir quem a matou.

SOPHIE

Quinze meses antes

Depois de sair da água, fiquei algum tempo sentada na margem. Por norma, o corredor aparecia por esta altura, mas, hoje, nem sinal dele. Há dias que não o vejo. Tinha a certeza de que iria aparecer hoje, mas talvez tenha feito mal os cálculos. Tinha outras coisas em que pensar.

O meu pai morreu faz hoje seis anos. Sabia que devia ligar à minha mãe, que teria de lhe ligar mais cedo ou mais tarde, mas sempre que deitava mão ao telemóvel, acabava por não o fazer. Não saberia o que dizer. Foi o meu pai quem me levou pela primeira vez a nadar assim. Na altura, não se chamava natação selvagem, não havia muitos que o fizessem. Era uma coisa só nossa. Ele levou-me a muitos lugares. Disse-me que podia nadar onde quisesse. «Não deixes que ninguém te diga que não podes.»

O meu pai mostrou-me que, debaixo de água, o frio não nos afeta. Podemos ficar em sintonia com ele. Ensinou-me a não me preocupar com juncos e plantas, ou com as criaturas que se contorcem e vivem na lama.

Às vezes, sentimos algo a roçar-nos no pé, ou achamos que sim, mas não adianta procurar. Não conseguimos ver nada debaixo de água. É o mundo deles, não o nosso. É tudo escuridão e ruído. Não podemos ficar muito tempo. O ar acaba e temos de voltar para a luz.

Depois voltamos para o ar, o que tem tanto de bom como de mau. Enchemos os pulmões, o som torna-se mais claro e distinto nos ouvidos. Um avião lá no alto. O restolho dos juncos nas margens. Ao longe, os sons do trânsito. Voltamos a mergulhar e o ruído é diferente; é o ruído de tudo o que está sob a superfície.

Quando saio, as margens parecem sempre íngremes, os meus membros, pesados. Temos de nos vestir rapidamente antes de sentir o impacto pós-mergulho: um frio profundo, mais assustador do que a água, porque é um frio interior. Trememos e até chegamos a desmaiar. O meu pai já o tinha visto acontecer.

Ele sempre disse que o vestir era a pior parte. As nossas mãos ficam estranhas, os olhos, incapazes de se fixar no outro, até que finalmente ficamos despachados. Depois havia cobertores e chá, só eu e ele e uma sensação reconfortante. Sentia falta disso, do silêncio feliz entre nós. Já não era a mesma coisa. Senti as pontas do cabelo molhadas contra o pescoço, as mãos frias e pegajosas ao toque. Os juncos moviam-se à superfície da água como lençóis de seda.

Voltei a tirar o telemóvel. A minha capa dourada brilhava à luz do Sol.

— Sophie.

— Olá, mãe. Pensei em ligar-te.

— Hum-hum.

Ficamos em silêncio por um minuto. Arrasto a sapatilha pelo chão. Ouvei um pássaro algures. Procurei, mas não consegui vê-lo.

— Nem parece que passaram seis anos, não achas? — disse ela.

Sabia bem o que ela queria dizer. E, no entanto, às vezes tinha dificuldade em recordar pormenores do meu pai. Restavam-me alguns cacos. A suavidade e o calor das suas costas. Um cheiro a sabonete. A pele áspera das suas mãos.

Volto a ouvir o pássaro. Um som suave e estridente. O meu pai seria capaz de o encontrar e ter-me-ia acenado para o ir ver. «Anda cá, Soph. Anda cá.»

O pássaro calou-se e eu fiquei a ouvir a respiração da minha mãe do outro lado da linha; aquela ligeira pieira soava a música.

— Ele ia ficar orgulhoso de ti. — Tudo isto já tinha sido dito. Não havia mais nada que qualquer uma de nós pudesse dizer. — Como estão as coisas? Ainda tiras fotografias?

— Às vezes.

A máquina fotográfica estava ao meu lado, no cobertor. Da última vez, vi um guarda-rios aqui e uma garça na outra margem. Mas hoje nada havia que me fizesse querer encostá-la à cara.

— Vi a fotografia daquela coisa da parede florestal que fizeste com os miúdos. Ficou bonita.

— Obrigada.

Andei semanas de volta dela. Aparecia bem cedo todos os dias para cortar diferentes formatos de folhas, revirando o papel com as mãos para replicar as bordas das folhas de carvalho. Ensinei aos miúdos a dobrar borboletas de papel ao meio, para cobrir ambas as asas com tinta. Cortei todas as formas antes do toque para o recreio, para ficarem perfeitas. E fiz também outras coisas. Estrelas de cartão brilhantes e planetas de lantejoulas para pendurar nos painéis de poliestireno do teto; um mar de papel de seda com peixes prateados feitos a partir de papel de alumínio, com fitas de algas verdes.

— Fico contente por ver que está a correr tudo bem por aí. — A verdade é que a minha mãe queria mais para mim, fosse lá isso o que fosse. Não conseguia perceber que era daquilo que eu precisava, da simplicidade dos dias felizes com as crianças, dos seus cabelos macios e das suas mãozinhas rechonchudas. O seu amor era fácil e sem complicações. — Sophie, vens visitar-me em breve, querida?

Silêncio. Por cima de mim, o som das pás de um helicóptero no céu vazio.

Foi então que o vi, além das árvores. Primeiro, a t-shirt laranja que traz sempre. Estava de calções e de fones nos ouvidos. Nunca me tinha aproximado o suficiente para saber que tipo de música é que ele ouvia. Sorri para mim mesma. Afinal, não tinha errado nos cálculos.

— Ligo-te mais tarde, mãe.

Pressionei o botão para desligar a chamada enquanto dizia aquelas palavras. Sempre gostei desta parte, dos instantes antes de ele me ver.

Quando chegou ao caminho de cascalho que contorna o East Reservoir, os nossos olhares cruzaram-se. Tinha a cara ruborizada, as pontas dos cabelos húmidas. O peito subia-lhe e descia enquanto os pulmões tentavam apanhar o ritmo do coração. Levantou uma mão e sorriu, de rosto aberto, como uma criança. Devolvi-lhe o sorriso.

Em seguida, levou a mão ao ouvido, como se estivesse prestes a tirar um dos fones. Por instantes, pensei que seria desta que falaria comigo. Mas algo o fez mudar de ideias e um trejeito formou-se-lhe ao lado da boca. Desviou o olhar, retomou a corrida, abanou a cabeça e eu já só lhe vi as costas e os músculos dos gémeos retesados sob a pele.

TASH

Consigo encontrar uma mesa no café do parque. Antes de termos o Finn, eu e o Tom costumávamos marcar *brunchs* faustosos no Ruby's, um sítio com grandes mesas de madeira de mangueira e candeeiros de teto com lâmpadas de filamento. Hoje em dia, como o dinheiro escasseia e o Finn não fica quieto em cafés fechados, vamos ao Clissold Park quase todos os sábados, e ficamos a bater o dente nas mesas de metal da esplanada enquanto o Finn fica a brincar na relva.

Apesar de ter apenas 2 anos, o Finn é assustadoramente veloz na sua pequena bicicleta. O Tom corre atrás dele naquela passada ridícula e agachada dos pais de filhos únicos. Imagino o cérebro do meu marido a percorrer uma lista de perigos: cães, escorregas, paredes baixas, trotinetes elétricas. Ninguém nos diz a que ponto amar uma criança é temer pela sua morte. Esse pavor está sempre presente na nossa existência, como uma luz para a qual não conseguimos olhar diretamente.

O Tom alcança o Finn, levanta-o da bicicleta e senta-o na cadeirinha.

— Ele comeu bem ao pequeno-almoço?

Nunca preciso de perguntar a que «ele» é que o Tom se refere. O Finn é a nossa divindade partilhada, a criatura em torno da qual as nossas vidas orbitam. Às vezes, a parentalidade mais parece uma seita de duas pessoas, na qual só eu e o Tom conhecemos os rituais.

— Dois *Weetabix* e uma banana.

— *Nana*?

O Finn olha para mim com um ar inquisitivo. Suspiro e inclino-me para tirar a banana de emergência do carrinho de bebé.

— Foi uma semana longa — boceja o Tom. — Oxalá ele aprendesse a dormir na sua própria cama.

— A quem o dizes.

Ambos sorrimos para o nosso filho, tão bonito e alheio a tudo na sua cadeirinha, depois de acordar todos os dias desta semana às quatro da manhã.

— Estás um caco, Tash.

— Oh, obrigada — resmungo. Descasco a banana e entrego-a ao Finn. — Diz «obrigado, mamã» — lembro em vão, enquanto ele esmaga a banana na cara.

— Desculpa — ri-se o Tom. — Só queria dizer que precisas de uma boa noite de sono. — Assinto e esfrego as pálpebras com os dedos. Penso nos pés de galinha em que reparei ontem ao espelho e que começam a formar-se nos cantos dos meus olhos. Nas olheiras que parecem ter-se tornado uma característica permanente. — Avançaste com aquilo da gentrificação ontem?

— Com o quê?

— O teu artigo sobre o pantanal.

— Ah, sim. Quer dizer, não está espetacular, mas também não é fácil. O Finn não está a gostar de ir para a creche. Sinto-me culpada por isso. Não me consigo concentrar.

O Tom estende a mão para o Finn e aperta-lhe a perna roliça.

— Não gostas dos teus amiguinhos, campeão?

— O Finn não *góta* da *queche* — confirma ele, baixando o olhar. Começa a contorcer-se no lugar, e percebo que vai tentar levantar-se outra vez. Já está demasiado crescido para a cadeirinha. Levanto-o para o abraçar. O pé fica preso e ele começa a chorar até que o Tom o solta.

— Oh, Finney. — O Tom passa-lhe a mão pelo cabelo e depois vira-se para mim. — Tinhas dito que a maioria das crianças se habitua em poucos dias. — O Tom fala sempre como se eu fosse uma especialista nestas coisas.

— Parece que não é o caso do Finn — murmuro, aconchegando a cabeça do Finn debaixo do meu queixo. — Parece que ainda há berreiro todas as manhãs.

— Mas andamos nisto há semanas!

— Eu sei disso, Tom!

O drama da creche é frustrante. Não consigo perceber o que estou a fazer de errado. Pensei que o Finn iria adorar St. Mark's. Fez-me lembrar a creche da igreja da minha infância: aquele cheiro acolhedor de escola primária, plasticina e cola, livros ilustrados já velhos, pudim e detergente do chão. As paredes das salas estavam cobertas por um manancial de borboletas de papel colorido, de joaninhas recortadas e papagaios com asas de papel de seda amarelo. Do lado de fora, havia canteiros de vegetais elevados, uma estação meteorológica com moínhos de vento e um medidor de água da chuva.

Todos diziam que tínhamos tido sorte em conseguir uma vaga, que estava sempre cheio. Mas o Finn começa a chorar assim que o carrinho de bebé dobra a esquina e ele vê o edifício da igreja. Ontem, tive de lhe abrir os punhos fechados com os dedos para conseguir recuperar os fios de cabelo que tinha agarrado para evitar que o entregasse à educadora.

— Oh, Tash, parece que tem sido muito difícil — diz o Tom.

— E tem mesmo.

Dois pratos com o pequeno-almoço e um batido são pousados entre nós. O Tom ignora-os, agarra na minha mão por baixo da mesa e aperta-a. Devolvo o aperto, tento esboçar um sorriso e, em seguida, retiro a mão para afastar os cabelos dos olhos do Finn e para lhe limpar um bocado de banana da bochecha.

O Tom pega no batido e agita-o com a palhinha, pensativo.

— Não foi a mulher que está à frente da creche que disse... Como é que ela se chama?

— A Elaine?

— Não foi ela que disse que podia ser boa ideia ele brincar com outras crianças fora da creche?

Pego numa torrada e tento não reagir à insinuação do Tom de que essas brincadeiras são da minha responsabilidade. A pressão para travar amizade com as outras mães da creche já é suficiente para me deixar com os nervos em franja. Elas já parecem ter formado pequenos grupos aos portões, embora as atividades só tenham começado há algumas semanas. E sempre que tento meter conversa com alguém, tenho de a interromper a meio para lidar com a campanha de resistência do Finn. Por norma, acabamos no chão ao lado dos cabides, o Finn a chorar e eu a sorrir e a revirar os olhos para tranquilizar os outros adultos, que está tudo sob controlo, enquanto as outras mães passam por nós e desviam educadamente os olhos.

Na primeira semana, conheci uma mãe que me pareceu simpática. Chamava-se Christina. A sua pequenota loira, Eliza, também era um pouco agarrada e relutante, e acabou por se gerar uma empatia entre nós durante a luta para sossegar os nossos filhos; mas quando sugeri à Christina marcarmos uma hora para eles brincarem, ela fez uma careta de dor.

— Desculpe, sou advogada e tenho um horário complicado. Pode perguntar à Sal? É a minha ama. Ela é que costuma vir buscar a Eliza e algumas das outras crianças.

Christina apontou na direção de uma mulher de aparência desleixada e *leggings* grumosas que empurrava um enorme carrinho de bebé duplo. Senti-me rebaixada.

Desde então, passei a reparar num grupo de três mães que saíam sempre juntas. Se havia uma hierarquia social nos portões da creche, desconfiava que elas as três estivessem no topo: a magricela de cabelo loiro e desgrenhado, dona de um olhar elegantemente vazio, como se fosse uma modelo de folga, a de rabo de cavalo preto e brilhante, que andava com uma garrafa de água e parecia estar sempre a meio de uma corrida, e a terceira, uma apumadinha com cabelo castanho e um rol de casacos deslumbrantes. Via-as muitas vezes a sair e perguntava cá comigo para onde iriam. Da última vez, tinha-as seguido, na esperança de as alcançar e cumprimentar. Mas fiquei demasiado para trás e elas desapareceram sob as folhas cintilantes dos castanheiros de Clissold Park, deixando atrás de si um rasto de gargalhadas.

— Tens razão — digo ao Tom. — O Finn ficaria mais feliz se conhecesse algumas das outras crianças. Vou fazer um esforço nesse sentido esta semana. Vou falar com as outras mães e tentar arranjar-lhe alguns amigos.

O Tom sorri.

— Parece-me um bom plano. Tenho a certeza de que ele vai acalmar.

— Espero que sim — digo. — Tem mesmo de ser, se eu começar a ter mais trabalho como freelancer.

Eu tinha-me convencido — e ao Tom — que deixar o nosso filho na creche seria a solução para avançar com o meu trabalho como freelancer, mas, até agora, quase não tinha feito diferença. Entre recuperar do trauma de deixar o Finn, chegar a casa, comer, tomar banho, pôr ordem no nosso apartamento e tratar da montanha de roupa, já estava na hora de o ir buscar.

O ovo no fundo da *shakshuka* começou a solidificar. O Finn esfrega os olhos com as costas das mãos. Olho para os pés do Tom. Apesar do tempo frio, está de calções e sapatilhas. E só tinha bebido o batido.

— Vais correr, Tom?

O Tom tem a graciosidade de se fazer de ingénuo.

— Achei que não fazia mal. Só enquanto o Finn faz a sesta, pode ser?

Arranco a pele das minhas cutículas. Sei que o Tom também precisa de tempo livre, mas eu já passo a semana a cuidar do Finn. No fim de semana, o que menos me apetece é limpar a cadeirinha e lavar pratos sujos.

— Claro que sim.

— Não demoro.

Pouco depois de o Tom ir à sua corrida, sigo para casa com o Finn. Quando chegamos, já começa a choviscar, e as longas pestanas do Finn já fecharam a coberto da chuva. Passo-o para o berço e envio uma mensagem à minha amiga Grace para ver se ela pode vir ter comigo. Mas ela não responde, e lembro-me de que ainda deve estar na sua lua de mel. Vi as fotografias que publicou no *Instagram*. Ela e o Ben a subirem ruas serpenteantes, ladeadas de casas multicoloridas, enquanto comem gelados. A olharem de uma varanda de ferro forjado para o mar azul riscado pelo branco do rasto das lanchas.

Decido usar o meu tempo livre para tomar banho e lavar a cabeça. Escovo os dentes, em bicos de pés à volta do tapete da casa de banho que está sempre desagradavelmente húmido, e desvio os olhos dos azulejos do lavatório que já precisam de uma limpeza a fundo. Visto-me. O quarto, para não variar, está gelado. Quando chego à gaveta das meias, descubro que não tenho um par lavado. Enquanto procuro um par do Tom, vejo uma folha de papel escondida numa das meias dele, ao lado do passaporte e da carta de condução. É a fotografia de Sophie. Jane deve tê-la deixado em cima da mesa. O que faz ela na gaveta do Tom? Volto a sentir frio no corpo todo. Pego numas meias, viro a fotografia para baixo e volto a pô-la onde a encontrei. Seguro nela pelas pontas, evitando deixar marcas no seu belo rosto. Em seguida, fecho a gaveta com cuidado para não acordar o meu filho.

TASH

A meio caminho da entrada da creche, começa o calvário. O Finn deixa de andar e a sua mão fica frouxa na minha.
— O Finn não quer, mamã.

Quis chegar a tempo para poder falar com algumas das outras mães, como prometi ao Tom. Mas, mal chego, percebo que estamos muito atrasados. Os círculos de tagarelas já dispersaram e o adro da igreja está mergulhado no silêncio.

O Tom quase pareceu ficar chateado quando lhe disse o que tencionava fazer hoje.

— Parece-me uma manhã desperdiçada — murmurou, enquanto limpava manchas de papas em meia mesa. — Se a juíza de instrução já determinou que foi um acidente, o que mais há para dizer?

O Tom tem razão. Não é provável que a juíza de instrução se tenha enganado, mas também não é impossível. Deve valer pelo menos um dia de trabalho — andar atrás da polícia e ir à esquadra e ao gabinete da juíza de instrução para saber mais informações, analisar os depoimentos das testemunhas do inquérito, procurar pistas nas redes sociais da Sophie.

— Mas a mãe pode ter alguma razão, Tom — retruco. — Não faz muito sentido que a Sophie tenha batido com a cabeça no reservatório. E não há provas conclusivas de que se tenha afogado. Pensa nos *podcasts* sobre crimes, em que eles reabrem os casos inconclusivos e descobrem o que realmente aconteceu. Este pode ser um desses casos.

O Tom resfolega.

— Não estamos em Baltimore.

— Mas pode ser um caso em que algo foi descurado — insisto. — A polícia está sob pressão, os médicos-legistas viram o seu financiamento cortado... — O Tom empina as sobrancelhas. — O que foi?

— Acho que devias ter cuidado com essa mãe que está a sofrer — diz, com um erguer de mãos. — Ela está vulnerável, pode não estar a raciocinar com clareza.

— Eu sei disso. Estou só a tentar perceber o que se passou. Também não estou sobrecarregada com outras coisas de momento. — Bebo um gole de chá. — A propósito, encontrei a fotografia da Sophie Blake na gaveta das tuas meias.

— O quê?

O Tom pegou no meu prato à pressa, o que fez com que a faca caísse em cima da mesa.

— Uma fotografia da Sophie Blake — repeti. — A Jane Blake deixou-a em cima da mesa aqui há dias, quando cá veio. Encontrei-a na gaveta das tuas meias.

O Tom tinha-se afastado de mim e estava agora a juntar a loiça na bancada.

— Ai sim?

— Sim. Sabes como foi lá parar?

Vejo as omoplatas do Tom a subir e a descer.

— Coisa estranha — comentou. — Não faço ideia. Talvez tenha sido o Finn.

Era verdade que o Finn tinha apanhado a mania de mexer nos meus papéis de trabalho. Rasgava-os ou fazia rabiscos se os apanhasse a jeito. Mas parecia-me improvável que tivesse pegado e escondido a fotografia de Sophie numa gaveta. Tinha pensado em insistir com o Tom, mas olhei para o relógio e vi que já estávamos atrasados. Aquilo, todavia, tinha ficado comigo no caminho até à creche, como uma mosca a zumbir-me no cérebro.

Os lábios do Finn estão cerrados, como se fizesse os possíveis por não chorar.

— O Finn não *quede* entrar.

— Oh, meu querido... Vamos ver se eles foram buscar o carro da polícia. — Pego nele ao colo pelos braços, numa tentativa de reproduzir a confiança que vi as outras mães a terem em momentos como este.

— Vai ficar tudo bem — asseguro, enquanto pressiono o botão do intercomunicador. — Quando te vier buscar, vamos beber um chocolate quente, sim?

Os olhos do Finn arregalam-se em pânico.

— Mamã, não vás embora!

A Elaine, a responsável pela creche, aparece à porta. Esboço o habitual sorriso encavacado através da janela de vidro enquanto ela abre a fechadura pesada do outro lado da porta.

— Olá, Finn — sorri. Ele esconde-se no meu peito.

— Desculpe — digo-lhe. — Ele está um pouco...

A Elaine já está habituada às birras. Aproxima-se da cara do Finn.

— Vamos procurar o carro da polícia?

— Já tentei isso. — Tento rir, mas o que sai é uma espécie de tosse gutural.

O Finn chega-se a mim. Sinto a sua bochecha macia contra o meu pescoço. As agulhas quentes da ansiedade percorrem-me os braços ao ver a Elaine a estender as mãos. Obrigo-me a despedir-me de forma animada e entrego-lhe o meu filho. O som estridente do choro é imediato. Crava os dedos na parte superior dos meus braços com uma força tal que perco o fôlego.

— Não, mamã! Não vás, mamã!

As outras crianças levantam os olhos das mesas e encaram o Finn. De repente, a creche parece sombria e acromática, espartana e institucional, por comparação com o aconchego do nosso apartamento desarrumado. Porque estou a obrigá-lo a fazer isto?

— Não vás, mamã!

Tem o rosto corado, raiado de lágrimas e ranho. A Elaine continua com os braços estendidos. Hesito. O Finn sempre foi uma criança feliz. Ele nunca se comporta assim. Decerto ninguém espera que se deixe um filho assim. Ele só tem 2 anos.

— Sei que é difícil, mas é melhor ir. A sério. Ele vai parar de chorar assim que virar as costas.

Viro-me para ver quem está a falar. A mãe baixinha e de cabelos castanhos — a terceira do trio glamoroso de mães — está ao meu lado. Um sorriso de dentes perfeitos, batom cor-de-rosa e um par de botas castanhas a rematar-lhe as calças de ganga muito justas.

— A sério? — pergunto a medo.

— A sério. — A voz dela é suave, melíflua, como a de uma radialista da madrugada. — Ele vai ficar bem. — Ela estende a mão para a cara do Finn e afasta a franja dos seus olhos húmidos. — Olá, pequenino. Sou a Laura. Como te chamas?

Alterno o olhar entre a Laura e o Finn. Ele agarra-se a mim e afasta-se dela, com as costas da mão pegajosamente pressionada contra um olho marejado de lágrimas.

— Oh, coitadinho. Aquele ali é o meu filho Oscar. — Laura aponta para um menino encorpado com uma camisola às riscas e uma escavadora em cada mão. — Oscar — chama ela em voz alta —, este é o teu novo amigo, o...

Olha para mim, com uma sobrancelha levantada.

— Finn — esclareço.

— O Finn — repete.

O Finn para de chorar. As duas crianças olham de forma inexpressiva uma para a outra.

— Só temos de lhes dizer que são amigos — explica a Laura num sussurro, enquanto me pisca o olho. — Nestas idades, os rapazes são criaturas simples. — Retoma o seu tom de voz normal. — Vamos, Oscar. Dá uma dessas escavadoras ao teu amigo Finn. Gostas de escavadoras, não gostas, Finn?

O Oscar hesita, mas depois pega na escavadora de que menos gosta e entrega-a com relutância ao Finn, que estende o lábio inferior e abana a cabeça, mas já de olhos postos na escavadora.

— Acho que se ficar mais um bocadinho... — começo.

— Fique por perto — interrompe a Laura. — Há um café não muito longe. Eu vou consigo, estou a precisar de um café. Adeus, Elaine!

Abro a boca para protestar, mas volto a fechá-la. A Laura olha para a Elaine e depois para mim, e sorri, como se tivesse resolvido a questão. Em seguida, acena para a Elaine. Quando dou por mim, já a Elaine tirou o meu filho choramingas dos meus braços, a mão da Laura já está nas minhas costas e eu sou conduzida dali para fora, sentindo a pesada porta corta-fogo fechar-se atrás de mim, silenciando os gritos do meu filho à medida que ele é levado para dentro.

«Um retrato frenético, incisivo e decadente da maternidade nas classes altas.» ABIGAIL DEAN

Depois de ter deixado o seu emprego como jornalista por não o conseguir conjugar com a maternidade, Tash está agora determinada a regressar ao jornalismo como *freelancer*. Quando Sophie, uma jovem ama, é encontrada morta, em circunstâncias suspeitas, Tash percebe que esta pode ser a história de que precisa para relançar a carreira.

Gerir a investigação e cuidar do filho, todavia, está a deixá-la esgotada, pelo que Tash precisa de encontrar alguém em quem se apoiar. Depois de conhecer uma das outras mães junto à creche onde deixa o seu filho, Tash dá subitamente por si no sedutor mundo dos bairros abastados de Londres, repletos de casas deslumbrantes, *brunches* caros e festas infantis luxuosas.

É então que outra jovem é encontrada morta. E quanto mais Tash investiga, mais lhe parece que as respostas a levam sempre para aquele grupo de mães. Serão elas realmente suas amigas? Ou haverá outra razão pela qual Tash foi tão bem recebida naquele mundo exclusivo? É ela quem as tem observado? Ou será o contrário?

Um thriller original e habilidoso sobre assassinio, classes sociais e maternidade, ambientado numa das zonas mais elegantes de Londres.

Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238841



9 789896 238841 >